

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- () EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- (X) SAÚDE
- () TRABALHO
- () TECNOLOGIA

ENTEROPARASITOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO

Claudia Daiane Stefanczak (claudia_stefanczak@hotmail.com)

Mariana Vettorazzi (ma.vet94@hotmail.com)

Úlio César Miné (juliomine@hotmail.com)

Margarete Aparecida Salina Maciel (mmaciel2020@gmail.com)

Mackelly Simionatto (mackelly_simionatto@hotmail.com)

RESUMO – Conhecido como um grave problema de saúde pública, as enteroparasitoses atingem geralmente as crianças, principalmente as que vivem em famílias com baixa renda familiar. O objetivo desse estudo foi avaliar a ocorrência de parasitas patogênicos e não patogênicos em crianças e adolescentes de um abrigo na cidade de Ponta Grossa, PR, nos últimos anos, por meio da interpretação laboratorial dos exames coproparasitológicos e ainda propor medidas para reduzir a frequência das enteroparasitoses. Foram realizados 76 exames em 55 meninos com idades entre 07 e 17 anos, que demonstraram positividade de 50%, 59,26%, 89,47% e 33,33% nos anos de 2012 a 2015, respectivamente. Os parasitas mais encontrados foram *Ascaris lumbricoides* (18,42%), *Trichuris trichiuria* (15,79%), *Hymenolepis nana* (2,63%), *Taenia* sp. (1,32%), *Endolimax nana* (32,89%), *Entamoeba coli* (27,63%), *Giardia lamblia* (3,95%) e *Entamoeba histolytica/dispar* (2,63%). As associações parasitárias ocorreram em 35,53% da amostragem, sendo de *Trichuris trichiuria* e *Ascaris lumbricoides* (29,63%) e de *Entamoeba coli* e *Endolimax nana* (37,03%) as mais frequentes. Notou-se a reinfecção de meninos com os mesmos e diferentes parasitas, após novos exames. Orientações sobre transmissões, melhor higiene e mudança de hábitos podem ajudar a controlar a contaminação parasitária e diante deste estudo, novas metas serão propostas à instituição.

PALAVRAS-CHAVE – Parasitoses. Reinfecção. Ações educativas. Higiene

Introdução

Infecções intestinais causadas por protozoários e, ou helmintos constituem um grave problema de saúde pública no mundo todo (ALEXANDRE et al., 2015). A estimativa é que 3,5 bilhões de pessoas são afetadas com esse tipo de infecção, sendo de crianças as mais atingidas (BUSATO et al., 2015). Como fatores primordiais citam-se a falta de higiene e de saneamento básico e o contato com alimentos de forma descuidada (SOUZA, 2013).

Crianças com idade escolar compõem um grupo de risco para infecções enteroparasitárias devido ao ambiente coletivo em que estão inseridas, apresentam imaturidade imunitária e necessidade de cuidados alheios (CRUZ et al., 2014). Da

enteroparasitoses surgem alguns agravantes, que são proporcionais a carga parasitária, incluindo-se a desnutrição, anemia, diarreia, má absorção e obstrução intestinal (BUSATO et al., 2015), que podem levar a um comprometimento do desenvolvimento físico e intelectual (BOEIRA et al., 2010), contribuindo com o acréscimo de repetências e evasão escolar (CRUZ et al., 2014).

Entre as doenças parasitárias destacam-se a Tricuríase, Enterobiose, Ascaridíase, Ancilostomose e Estrongiloidose, provocadas por helmintos intestinais, e a Giardíase e a Amebíase, entre as protozooses frequentes nos exames laboratoriais (BOEIRA et al., 2010).

Problemas socioeconômicos do país refletem direta e negativamente na saúde da população, como pode ser observado em relação à elevada frequência de indivíduos contaminados por parasitoses. Diante desse cenário que se apresenta, medidas efetivas e corriqueiras se fazem necessárias como saneamento básico, coleta de lixo e projetos educativos eficientes (palestras, teatros e atividades fáceis de entendimento) para que, junto com as pessoas contaminadas e suas famílias, essas medidas possam surtir efeito na redução da transmissão dos parasitos. Acompanhamento clínico e terapêutico também se faz de fundamental importância para a manutenção da saúde infantil.

Objetivos

O presente estudo teve como objetivo avaliar a ocorrência de enteroparasitas patogênicos e não patogênicos em crianças e adolescentes através da interpretação laboratorial dos exames parasitológicos de fezes, realizados durante as atividades propostas pelo projeto de extensão “Avaliação e acompanhamento do estado de saúde nos alunos do Instituto João XXIII, na cidade de Ponta Grossa – Paraná”, nos anos de 2012 a 2015. E ainda, propor novas ações que possam contribuir com a diminuição da frequência das parasitoses intestinais.

Referencial teórico-metodológico

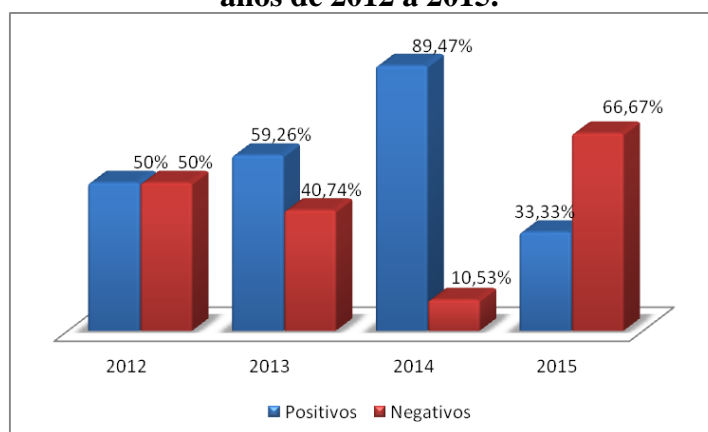
Trata-se de um estudo descritivo quantitativo realizado pelo levantamento de exames coproparasitológicos do projeto de extensão “Avaliação e acompanhamento do estado de saúde dos alunos do Instituto João XXIII, na cidade de Ponta Grossa, PR.”, durante os anos 2012 a 2015. A execução dos exames foi realizada por alunos do curso de Farmácia, no setor de parasitologia do Laboratório Universitário de Análises Clínicas (LUAC), sob a supervisão dos professores do setor. As amostras fecais foram coletadas na instituição em coletores universais e encaminhadas ao laboratório.

Para a realização dos exames coproparasitológicos utilizou-se os métodos qualitativos de Hoffman, Pons e Janer, cujo princípio metodológico é a sedimentação espontânea dos elementos parasitários em suspensão fecal filtrada e o de Machado, que ocorre por centrífugo-flutuo-sedimentação dos elementos parasitários em contato com solução de sulfato de zinco.

Resultados

Nos últimos quatro anos foram realizados 76 exames coproparasitológicos, em 55 meninos abrigados no Instituto João XXIII, com idades entre 07 e 17 anos (Média=11,4 anos). Neste estudo, em todo o período avaliado houve ocorrências de amostras positivas (Figura 1).

Figura 1 – Frequência de alunos parasitados no Instituto XXIII, nos anos de 2012 a 2015.

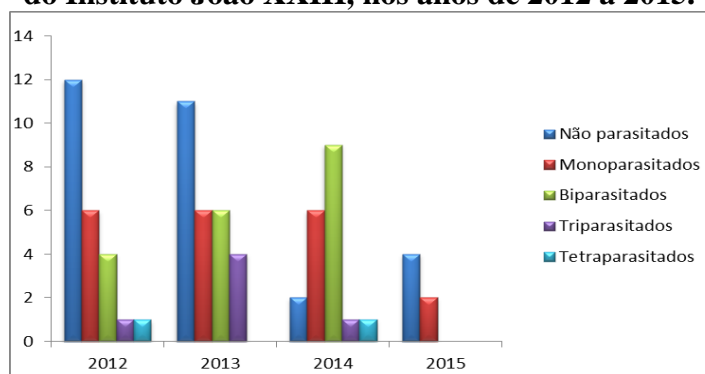


Fonte: Pesquisa de campo.

No ano de 2012, os resultados positivos (50%) e negativos (50%) adquiriram uma mesma proporção. Já nos anos de 2013 e 2014 os resultados demonstraram um aumento significativo de amostras infectadas com algum parasita intestinal, com valores de 59,26% e 89,47% respectivamente, sendo esse último, portanto, o ano com maior frequência de parasitismo no período avaliado. Em 2015, os resultados negativos (66,67%) aumentaram e os positivos (33,33%) diminuíram consideravelmente, o que poderia demonstrar um bom resultado adquirido. Entretanto, os exames realizados foram em menor número em relação aos anos anteriores, explicados por dificuldades observadas de adesão à campanha de coleta de material biológico para análise e pela menor frequência de consultas médicas no local. O número de exames coproparasitológicos foi respectivamente de 24, 27, 19 e 06 para os anos de 2012, 2013, 2014 e 2015.

Nos casos de positividade, observou-se associação parasitária em um mesmo indivíduo em 35,53% do total de amostras com os exames realizados em 2012 (25%), 2013 (37,04%) e 2014 (57,9%), sendo encontrados indivíduos biparasitados a tetraparasitados. Em 2015 não houve associação parasitária (Figura 2).

Figura 2 – Associação entre parasitas intestinais presentes em alunos do Instituto João XXIII, nos anos de 2012 a 2015.



Fonte: Pesquisa de Campo.

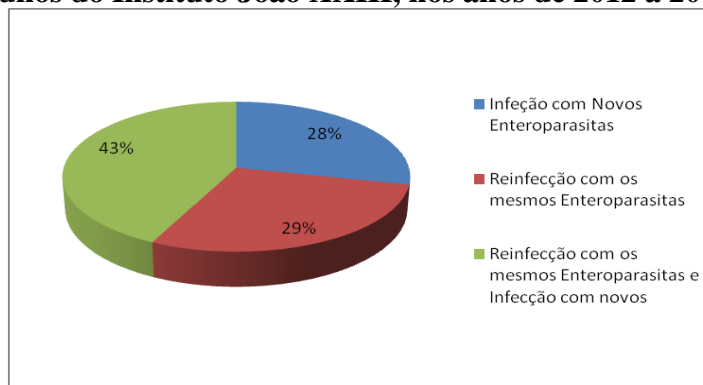
Os helmintos encontrados com maior frequência foram *Ascaris lumbricoides* (18,42%), seguido por *Trichuris trichiuria* (15,79%), *Hymenolepis nana* (2,63%) e *Taenia* sp. (1,32%). Entre as várias associações parasitárias encontradas, a de maior predominância foi *Trichuris trichiuria* e *Ascaris lumbricoides* (29,63%).

Para os protozoários, os mais frequentes foram *Endolimax nana* (32,89%), seguido por *Entamoeba coli* (27,63%), *Giardia lamblia* (3,95%) e *Entamoeba histolytica/dispar* (2,63%) e entre as associações, a de maior predominância foi *Entamoeba coli* e *Endolimax nana* (37,03%). Essas espécies amebas, embora não causem doença parasitária por serem não patogênicas, indicam que houve contaminação fecal de origem alimentar e, ou da água de consumo.

A grande variedade de parasitas e positividade encontrada neste estudo pode ser consequência do contato interpessoal dos meninos, pelo ambiente coletivo compartilhado, ou ainda, decorrente do local onde residiam e frequentavam antes de adentrar no abrigo, ou ambos. Sabe-se que durante a permanência do menor na instituição existem tentativas de reintegração familiar e, esta ser uma possível causa de reinfecção parasitária pessoal e consequente transmissão aos colegas do abrigo.

Alguns dos meninos realizaram o exame mais de uma vez, tanto em anos consecutivos pelo fato de encontrarem-se abrigados por um longo período, ou no mesmo ano, por terem se submetido a tratamento de uma infecção parasitária diagnosticada em exame anterior. Destes, 67% estavam reinfecados, como apresentado na figura 3.

Figura 3 – Reinfecção após o tratamento da parasitose intestinal dos alunos do Instituto João XXIII, nos anos de 2012 a 2015.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Após o tratamento da parasitose intestinal, a maioria dos meninos reinfecou-se, na maior parte das vezes, pelo mesmo parasita associado a uma nova espécie, não presente no primeiro exame coproparasitológico.

Ações educativas e medidas de mudança comportamental para que a higiene adequada vire hábito já estão sendo aplicadas a todos os meninos da instituição, entretanto, a frequência de resultados positivos ainda é alta.

Na instituição existe saneamento básico e água tratada, mas uma série de variáveis ainda não foram avaliadas. Citam-se a forma de higienização e preparo de alimentos, hábitos de higiene dos menores, treinamento da equipe cuidadora, a frequência de higienização de parquinho e de suas areias entre outros fatores que podem estar refletindo nos resultados encontrados.

Considerações Finais

Concluiu-se que as enteroparasitoses representam um sério problema de saúde entre os meninos do Instituto João XXIII e mesmo com a aparente redução observada no último ano, os números em geral são alarmantes. Isto se deve a problemas básicos relacionados à saúde individual e coletiva de difícil resolução imediata.

Pelo presente exposto, é possível afirmar que um plano de ação, junto à instituição levantando pontos frágeis como já citados neste estudo se faz imprescindíveis, assim como a continuidade das ações educativas e orientações aos meninos abrigados sobre higiene, doenças parasitárias e suas transmissões. O treinamento aos cuidadores e outros trabalhadores, principalmente aqueles envolvidos com o preparo dos alimentos na instituição, também

deverá ser complemplado. Para tanto, recentemente, começou-se a desenvolver uma proposta de trabalho que envolve o conhecimento da infraestrutura do abrigo e de suas atividades correntes, bem como os locais de origem, condições familiares e sanitárias de onde os meninos abrigados residiam antes de adentrarem na instituição. Espera-se com esses esclarecimentos, encontrar respostas às frequentes reinfecções parasitárias observadas e poder contribuir para mudanças e melhorias para promoção da saúde dos meninos.

A extensão universitária destaca-se neste contexto por expor uma realidade problemática aos acadêmicos proporcionando a estes, o uso dos conhecimentos adquiridos na graduação para beneficiar a comunidade e, ao mesmo tempo, uma aprendizagem que traz grande enriquecimento pessoal, profissional e como cidadão.

APOIO: Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais/Divisão de Extensão Universitária da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PROEX/DEU/UEPG) e Fundação Araucária (Programas BEC e PIBEX).

Referências

ALEXANDRE, T. S., CASTRO, J. L.O., SILVA, W. N., FIRMO, W. C. A. **Prevalência De Protozoários Intestinais Em Escolares De Uma Unidade De Ensino Da Rede Pública Do Município De Vitorino**. Araguaína: Revista Científica do ITPAC, v. 8, n. 2, Pub. 4, 2015.

BUSATO, M. A., DONDONI, D. Z., FERRAZ, L. **Parasitoses intestinais: o que a comunidade sabe sobre este tema?**. 10. ed. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, v. 10, n. 34, jan.-mar., 2015.

CRUZ, P. F. F., RESENDE, D. V., PENATTI, M. P. A., GUIMARÃES, E. C., PEDROSO, R. S., LIMA, S. C. **Ações educativas com ênfase à prevenção de parasitoses intestinais em uma localidade rural no município de Uberlândia, MG**. Pombal- PB: Revista Brasileira de Educação e Saúde, v. 4, n.2, p. 8-15. 2014.

BOEIRA, V. L., GONGALVEZ, P. A. A., MORAIS, F. G., SCHAEGLER, V. M. **Educação em saúde como instrumento de controle de parasitoses intestinais em crianças**. Cascavel – PR: Revista Varia Scientia, v. 9, n.15, p. 35-43, 2010.

SOUZA, F. M. O. **Influência das Endoparasitoses no rendimento de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Santa Lucia no município de Monte Negro-RO**. 2013, 67 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes, 2013.